

A QUEDA DE UM DOS MUROS: OS IMPÉRIOS TAMBÉM PERECEM
(UM POUCO DE GEOGRAFIA, DE HISTÓRIA, E CONJUNTURA ATUAL)
The Fall of the Walls: The Empires also Perish
(*a Little Bit of Geography, History and Current Situation*)

Paulo-Edgar ALMEIDA RESENDE*

Fecha de recepción: abril del 2010

Fecha de aceptación y versión final: octubre del 2010

RESUMO: O presente texto é introduzido com homenagem a André Dembicz, respeitável scholar, que manteve constante intercâmbio com centros universitários da América Latina e com instituições internacionais, voltadas para a América Latina. Sem abrigar estereótipos eurocêntricos de mundo, Dembicz faz parte de seletto grupo de intelectuais, que valoriza o cruzamento de análises de acadêmicos latino-americanos com colegas da Europa Centro-Oriental. Encontrei no CESLA, por ele dirigido, espaço de reflexão sobre a transição de sociedade regida pelo Plano e partida únicos, para sociedade regida pela economia de mercado e que experimenta o pluripartidarismo. É com tal débito, que elaborei o presente texto em homenagem a André Dembicz.

Reflito diante dos destroços do muro de Berlim. A grande questão é interpretar sua queda. Há muitas interrogações. Foram retirados todos os escombros? O que se construiu no lugar: um só mundo, em que antigos rivais se engajam em parceria, em grande negociação? Ou dois outros mundos? No caso específico da Europa Centro-Oriental, foco principal do presente texto, o que resultou do reatamento das relações com a Europa Ocidental? No atual *processo de alargamento*, para onde estão indo os Países da Europa Central e Oriental (PECO: Polônia, República Tcheca, Eslováquia, Lituânia, Letônia, Estônia, Hungria, Bulgária, Romênia)? São simples coadjuvantes ou protagonistas fundamentais? Vou refletir a respeito destas candentes questões.

Palavras-chave: Andrzej Dembicz, Europa Centro-Oriental, Muro de Berlim.

ABSTRACT: This text is intended as a tribute to André Dembicz, a respected scholar who maintained a constant exchange with university centers in Latin America and with international institutions concerned with Latin America. Without holding Eurocentric stereotypes of the world, Dembicz belongs to the limited group of intellectuals who value the exchange of academic analysis between colleagues in Latin America and those in Central Eastern Europe. I found in CESLA, under his direction, a space for reflection about the transition from a society ruled by the Plan and the one-party government, to a society ruled by the economic market and experimenting with multiparty system. As a token of my appreciation, I have elaborated the present article in tribute to André Dembicz.

Before the ruins of the Berlin Wall, I take a moment to reflect. The big question lies in the interpretation of its fall. There are several question marks. Has all the rubble been removed? What has been built in its place: only one world, in which old rivals join in partnership, a grand negotiation? Or two different worlds? In the specific case of the Central-Eastern Europe, which is the main focus of this article, what resulted from the

* Dr. Paulo-Edgar Almeida Resende – Professor associado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais.

reestablishment of the relationship with Western Europe? In the current enlargement process, where are Central and Eastern European Countries (CEEC: Poland, Check Republic, Slovakia, Lithuania, Latvia, Estonia, Hungary, Bulgaria, Romenia) going? Are they merely co-operators or fundamental protagonists? I will reflect on these highly topical issues.

Keywords: Andrzej Dembicz, Central-Eastern Europe, Berlin Wall.

A condição de primeiro coordenador do Curso de graduação de Relações Internacionais da PUCSP levou-me à aproximação com o Centro de Estudos de América Latina da Universidade de Varsóvia. Na organização de sucessivas viagens à Europa Centro-Oriental e Rússia, tivemos no diretor do CESLA, André Dembicz, o apoio necessário, não apenas na Polônia, como na recomendação valiosa a colegas de Hungria, República Tcheca, Eslováquia e Moscou. Chegávamos a todos esses endereços com o respaldo de quem sabia planejar tais encontros, tão importantes na formação de nossos alunos. Com seu falecimento, desaparece respeitável *scholar*, que manteve constante intercâmbio com centros universitários da América Latina e com diversas instituições internacionais, voltadas para a América Latina.

Com forte tom institucional e geopolítico, esteve à frente do CESLA, mostrando capacidade gerencial-acadêmica, com projetos de interconexão com redes de Universidades do continente americano. Sem abrigar estereótipos eurocêntricos do mundo, Dembicz faz parte de seletos grupo de intelectuais, que valoriza o cruzamento de análises de acadêmicos brasileiros e latino-americanos com colegas da Europa Centro-Oriental. Os fluxos de migrantes poloneses para o Brasil e América Latina, e suas estreitas relações pessoais com Cuba, na fase soviética, este continente não foi para ele simples aventura intelectual, em busca do exótico, do novo e desconhecido.

Na condição de coordenador do Núcleo de Análise de Conjuntura Internacional da PUCSP e titular temático da Europa Centro-Oriental no GACINT (Grupo de Análise de Conjuntura Internacional da USP) na gestão do saudoso Gilberto Dupas, encontrei no CESLA espaço de reflexão sobre a transição de uma sociedade regida, economicamente, pelo Plano e partido único, para uma sociedade regida pela economia de mercado e que experimenta o pluripartidarismo. É com tal débito, que elaborei o presente texto em homenagem a André Dembicz.

I. O MURO QUE DESIGNOU DOIS LADOS DO MUNDO

O muro de Berlim teve significado amplo, designou o mundo bipolar. A grande questão é interpretar sua queda, há 20 anos. Há muitas interrogações. Foram retirados todos os escombros? O que se construiu no lugar: um só mundo, em que antigos rivais se engajariam em parceria, em grande negociação? Ou dois outros mundos, nós e eles, o Ocidente e os não-Ocidente; Norte e Sul, Desenvolvidos e Subdesenvolvidos?

No caso específico da Europa Centro-Oriental, foco principal do presente texto, o que resultou do reatamento da ligação com a Europa Ocidental? No atual

“processo de alargamento”, para onde estão indo os Países da Europa Central e Oriental (PECO: Polónia, República Tcheca, Eslováquia, Lituânia, Letônia, Estônia, Hungria, Bulgária, Romênia)? São simples coadjuvantes ou cartas fundamentais da geopolítica europeia, segundo a tese “bélica” do geógrafo e adido britânico na Ucrânia em 1919 Harold Mackinder¹. Sua geopolítica, ramo da geografia que dominou o pensamento estratégico na primeira metade do século XX, incitou reivindicações territoriais sobre a região: “quem dominar a Europa Oriental, governa o *heartland* (território russo); quem dominar o *heartland*, governa a ilha do mundo (Europa, Ásia e África); quem dominar a ilha do mundo, governa o mundo”.

Ao deslizar a geografia política do conhecimento de territórios para a geopolítica, do vezo à máquina de guerra de impérios se sobrepondo no mesmo espaço, transcontinentalizando-o, e, ao mesmo tempo, murando-o em determinada zona. Na exuberância da elocubração geopolítica, o autor não encontrou lugar para os Estados Unidos na ilha do mundo, exatamente a grande potência que dividiria, na segunda metade do século XX, sua esfera de influência em contraposição à da União Soviética.

Nos tempos da Guerra-Fria, Milan Kundera² fez menção à região, geograficamente no centro, culturalmente no ocidente e politicamente a leste, na expectativa de que viesse a conciliação da geografia, da cultura e da política. Há um imbróglie cartográfico no rastreamento do que vem a ser o Leste Europeu. A multiplicidade de traços de políticas territoriais no mesmo espaço configura denominações flutuantes. A Europa do Leste foi definida no século XIX como sinônimo de Europa Eslava, em oposição à Europa Ocidental. Nas entrelinhas de nacionalistas germânicos, a cultura eslava foi colocada em patamar de inferioridade no âmbito de um certo despotismo oriental. Ao ser incorporado pelo bloco soviético, o Leste europeu se antepôs ao bloco ocidental, e tornou a cartografia europeia um emaranhado de fluxos. Haja vista a dupla identidade nacional da Alemanha do Leste e do Oeste, a Berlim Oriental e Ocidental. A quebrar tal bipolaridade, a Albânia adotou a linha chinesa, e a Iugoslávia de Tito, a Índia de Nehru e o Egito de Nasser lideraram o grupo de países não alinhados.

II. PECO-UE: MOVIMENTOS DE ATRAÇÃO/ASSIMILAÇÃO/REPULSÃO

Com a dissolução da União soviética, com a queda do muro de Berlim, com as revoluções de veludo, negociação complexa trouxe países do antigo Leste Europeu à União Europeia. Bulgária, Chipre, Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Hungria, Letônia, Lituânia, Malta, Polónia, República Tcheca e Romênia configuram importante vetor de integração. Outros permanecem na fila. A rebalcanização dos Bálcãs decompôs a

¹ Mackinder, Harold, *Democratic Ideals and Reality*, Londres, 1919.

² Kundera, Milan, “Un Occident kidnappé”, en: *Débat*, 27, pp. 3-22.

Federação Iugoslava. À Eslovênia, já abrigada pela União Européia, restam Croácia, Bósnia, Sérvia, Montenegro e Macedônia. Problemático o compromisso tácito da União Européia com Kosovo, de maioria albanesa, a desgosto da Sérvia. Penetrando nas espessuras dos debates sobre quem é quem, esses países, ciosos de seus mitos identitários, incorporam o fenômeno da alteridade no retorno à Europa. De modo ímpar, abrem-se a movimentos de atração/assimilação/repulsão. A percepção da população, em manifestações várias, é que sucessivas experiências de presença imposta do estrangeiro, autênticos torpedos nas linhas de flutuação da história, seja página virada na trágica história da região. Emblematicamente, bastaria citar a Polônia, marcada pela Machpolitik de combustões reiteradas, e de heróica resistência. Seu velho centro foi artesanalmente recuperado, artificializou-se, como se seu tempo fora reversível, a contradizer a fatalidade histórica. Para reverter a maldição, lado a lado à crença católica, adotou, em alguns de seus ambientes, a presença da famosa bruxa de Varsóvia, exorcizando a desventura com sua vassoura, e oferecendo ao turista certidão de autenticidade.

III. ENCRUZILHADA DE ORIENTE-OCIDENTE

Na encruzilhada de Oriente-Occidente, no multifacetado espelho de interpretações da tumultuada história de vizinhança com germânicos e eslavos, à sombra de Habsburgos, de czares russos, do império otomano, e agora do novo reino da republicana União Européia, é obrigatória a referência a vários mundos, dos mais próximos aos mais distantes: o católico e o ortodoxo; o cristão e o islâmico; o europeu e o asiático; o latino e o bizantino; o sedentário e o nômade; o agrícola e o pastoril; o feudal e o tribal.

É bem complexo delinear o que é destruído e a nova construção no exercício de interpretações. Caído o “Muro”, aberta a “Cortina de Ferro”, desencadeadas as “Revoluções de Veludo”, no descampado mundo de idiosincrasias. O econômico é chamado a europeizar-se, imbricado com o corte nacional do político, do social e do cultural.

Com o fim da União Soviética, Francis Fukuyama falou do “fim da história”³. Detectou uma forte lógica, por trás da evolução de instituições políticas, na direção da moderna democracia liberal, baseada na correlação entre desenvolvimento econômico e democracia estável.

Na esfera política e econômica, a história parece ser progressiva e direcional e, no final do século XX, culminou na democracia liberal, como a única alternativa viável para sociedades tecnologicamente avançadas. (...) Para os países mais adiantados do mundo, houve, ao longo do tempo, a convergência de instituições políticas e econômicas e não há alternativas óbvias para as instituições políticas e econômicas, que vemos

³ Fukuyama, Francis, *O Fim da História e o Último Homem*, Rocco, 1992.

diante de nós⁴.

Samuel P. Huntington deslocou o foco de sua análise da rivalidade das superpotências para o “choque de civilizações”, na recomposição da ordem mundial. A política mundial estaria sendo reconfigurada, seguindo linhas culturais e civilizacionais.

No mundo pós-Guerra Fria, as distinções mais importantes entre os povos não são ideológicas, políticas, ou econômicas. Elas são culturais (...). Nesse mundo novo, a política local é a política da etnia, e a política mundial é a política das civilizações. A rivalidade das superpotências é substituída pelo choque das civilizações⁵.

No período pós-Guerra Fria, para o autor, aos Estados Unidos a iniciativa de

preservar a civilização ocidental ante um poderio ocidental em declínio, incorporar à União Européia e à OTAN os países ocidentais da Europa Central, ou seja, os países de Visegrad, as repúblicas bálticas, a Eslovênia e a Croácia. Estimular a ocidentalização da América Latina; retardar o deslocamento do Japão para longe do Ocidente; aceitar a Rússia como Estado-núcleo da Ortodoxia e uma grande potência regional; manter a superioridade tecnológica e militar ocidental; evitar a intervenção ocidental nos assuntos de outras civilizações, a mais perigosa fonte de instabilidade de um possível conflito global no mundo multicivilizacional⁶.

O autor busca reforço para sua tese em Václav Havel, que assinalou que

os conflitos culturais estão aumentando e são mais perigosos hoje em dia do que em qualquer momento da História⁷ Huntington conclui seu texto de maneira peremptória: Na era que está emergindo, os choques das civilizações são a maior ameaça à paz mundial, e uma ordem internacional baseada nas civilizações é a melhor salvaguarda contra a guerra mundial⁸.

IV. REPROBLEMATIZANDO OS DOIS LADOS

IV.1. O mundo capitalista-liberal

⁴ Idem, p. 22.

⁵ Huntington, Samuel P. *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*, RJ. Objetiva, s/d., pp. 20-21.

⁶ Huntington, op. cit., p. 397.

⁷ Havel, Václav “The New Measure of Man”, *The New York Times*, 08/07/94, p. A27, citado por Huntington, op. cit., p. 21.

⁸ Huntington, op. cit., p. 410.

O capitalismo, em sua gestação, já rachara muralhas feudais. É da natureza da mercadoria se mostrar sedenta de espaço, para realizar seu valor. Mal constituídas as fronteiras nacionais, elas se tornaram porosas, transpostas pela grande empresa colonial, mundo afora. O mundo se tornara pequeno para o capital. Ásia, América, Oceania, África foram alvos de império de origem européia, onde o sol não se punha. É a alvorada da mundialização, em pleno século XVI. No final do século XX, a imponente soleira do portal de entrada do Kremlin foi igualmente transposta pelo capital.

Entrados no século XXI, é o “império sem Roma”, dirão Michael Hardt e Antonio Negri⁹, em que pesem pretensões de Londres, no século XIX, de Washington e Moscou, no século XX, de se colocarem estavelmente no centro da cartografia mundial.

O capitalismo se mostrou, desde a primeira infância mercantilista, não apenas dominante, mas tendencialmente exclusivo. O empreendimento, de modo tentacular, para o bem, para o mal, ostenta maior grandiosidade do que as pirâmides do Egito, concluíra Karl Marx no *Manifesto do Partido Comunista*. Sua reprodução, crescentemente ampliada, embaralha centro e periferia, de modo assimétrico, é certo. Todavia, o capital tentacular não convive tendencialmente com o atraso estabilizado, com a suposta rígida divisão internacional do trabalho, à medida que nichos desenvolvidos se encontram distribuídos ao Norte e ao Sul, claro está, em proporções ainda desvantajosas para ex-colônias. Com efeito, as revoluções inglesa, americana e francesa buscaram civilizar as sociedades capitalistas em seus endereços iniciais, com discursos de direitos civis e políticos, formalmente inscritos em suas constituições, embora ostensivamente invalidados pela barbárie nas colônias ou áreas de influência, ou até mesmo nas favelas de sua própria periferia.

IV.2. O mundo “socialista-estatal”

No século XIX, ecoaram críticas de socialistas e anarquistas à sociedade capitalista, flanco aberto para a Revolução Russa, no século XX, buscar se legitimar, com o discurso da igualdade.

Para Marx¹⁰, “em certo estágio de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção”. Wladimir Lênin reformulou a tese de Marx. Ao invés da insurgência contra a ordem capitalista ocorrer onde as posições estruturais de classe estivessem dadas claramente, em polos industrializados, ocorreria no elo mais frágil, que era a Rússia. O custo de tal deslocamento, no seio do marxismo, foi cobrado por Rosa Luxemburgo, com a percepção de que, na Rússia, a ditadura do partido substituiria a

⁹ Hardt, Michael e Negri, Antonio. *Império*. RJ/SP, Editora Record, 2001.

¹⁰ Marx, Karl. *Contribuição para a Crítica da Economia Política*. 3ª ed., Lisboa, Ed. Estampa, 1973, pp. 28-29.

ditadura do proletariado. A resposta a ela foi dada com antecedência. Lenin, em *O que fazer*¹¹, escrito em 1904, convenceu-se da impossibilidade de as iniciativas revolucionárias se compatibilizarem com espontaneísmo e economicismo. Teriam de se concentrar no pequeno número de intelectualizados revolucionários profissionais, com a ressalva de que a multidão não tomaria parte ativa no movimento, mas faria surgir revolucionários em número crescente de situações anteriores, os tumultos – forma de revolta dos oprimidos; e as greves – embrião da luta de classe. Vale dizer, a consciência revolucionária nasceria no partido, não na rua ou na fábrica. O operariado, deixado à sua própria sorte, não seria capaz senão de reivindacionismo: “A história de todos os países atesta que, pelas próprias forças, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical”¹². Marx ficou um pouco aquém, ao nada esperar dos *sans-culottes*, comprometidos na luta pela sobrevivência biológica, mas apostou na vocação universal do proletariado.

Com os desdobramentos da Revolução Russa, confirmaram-se temores de Pierre Joseph Proudhon e Michael Bakunin, para os quais, não se poderia conceber o estado como mediador da liberdade. Em carta enviada a Proudhon, Marx lhe propusera discutir o direcionamento do movimento popular na Europa. Proudhon foi peremptório: ou o proletariado se liberta com suas próprias pernas, ou estará sujeito a novo tipo de dominação¹³.

Marx escreverá em tempo record o livro *Miséria da Filosofia*, no qual o autor de *Filosofia da Miséria* passa da condição de mestre à condição de panfletário. Bakunin contribuirá para o fracasso da Primeira Internacional, ao acusar Marx e Engels de socialistas autoritários. Na Segunda Internacional, a questão fora reposta em outros termos pelos “revisionistas” Karl Kautsky, Eduard Bernstein, Giorgi Plekhanov.

A revolução por meios pacíficos, dispensando armas, ocorreria pelas urnas. A discordância suscitou a alternativa da 3ª Internacional, que se encarregou de liderar a Revolução Russa. O socialismo em um só país nascerá prenhe de contradições. Contabilizou-se dentre elas o internacionalismo de Trotsky, que o levará à morte, em defesa da 4ª Internacional. Sua crítica à degenerescência burocrática da Revolução Russa foi no entanto precavida, circunscreveu-a à solução em nível supraestrutural, com mudança da equipe dirigente do Partido.

Aos profissionais do partido, com base em profundo conhecimento científico, a “tarefa (de) introduzir no proletariado (literalmente: preencher o proletariado com – sic!) a consciência de sua situação e a consciência de sua Missão”¹⁴. Não obstante, o debate intelectual sobre a acumulação primitiva socialista longe esteve de ser

¹¹ Lenin, Vladimir Illich, São Paulo, Hucitec, 1978, p. 23.

¹² Idem, ibidem, p. 214.

¹³ Resende, P. E. A e Passeti, E., Org. Proudhon. São Paulo, Ed. Ática, 1986, pp. 19-20.

¹⁴ Lenin, op. cit., p. 31 (Lenin citando Kautsky).

valorizado. Em 1937, ala de esquerda do partido bolchevique foi fuzilada, na qual se destacava o grande economista da transição, Eugen Preobrazhenski¹⁵.

V. A EMERGÊNCIA DO MUNDO BIPOLAR

A história evita linearidades. Joseph Stalin e Franklin D. Roosevelt, ladeados por Charles de Gaulle e Winston Churchill, tornar-se-ão aliados contra o Eixo, formado por Alemanha, Itália e Japão. A vitória final fez com que Rússia e Estados Unidos revivessem uma espécie de novo Tratado de Tordesilhas, com o Tratado de Yalta. O mundo bipolar terá o vezo de constituir duas áreas de influências, comandadas pelo *soft power*, em seus raros momentos, ou pelo rotineiro *hard power*, no caso de indefinição de consenso *sui generis*, sem opção, ou insurgência.

A Europa, em descida da rampa de seu fulgurante passado metropolitano será recuperada economicamente pelo Plano Marshall dos Estados Unidos. Sob a proteção da OTAN, os EUA lhe garantiram a guarda, que persiste até os dias atuais. Na América Latina, contabilizam-se em números elevados os sucessivos intervencionismos estadunidenses, e apoio a regimes autoritários, sem nenhuma exigência da cláusula democrática, exceto no caso de Cuba. A África se esgrimiou em lutas internas, sob a dupla orientação das duas grandes potências.

A Rússia tornou-se União Soviética. Sob seu abrangente plano estratégico, a economia da Europa Centro-Oriental foi direcionada pelo Comecon, e sua segurança foi definida pelo Tratado de Varsóvia.

Todos os países incorporados na área de influência do Kremlin apresentaram similaridades: economia de estado; regime de partido único, alinhamento forçado à União Soviética. Ex-Iugoslávia e Albânia eram as exceções.

VI. A COMPLEXA TRANSIÇÃO DO PLANO AO MERCADO

A Europa Centro-Oriental, indo da fronteira germano-polonesa até os montes Urais, é caso emblemático de transição. Os fatos que ocasionaram a mudança radical do Plano ao Mercado, em cada país da Europa Centro Oriental, apontam sucessivas quedas, sem privilegiar autorias heróicas de determinado líder, grupo ou instituição. Nas devidas proporções, destacamos protagonismos, rapidamente desaparecidos ou reformulados na cena posterior, caso de Lech Walesa, na Polônia, Václav Havel, na ex-Tchecoslováquia, e Jozsef Antall na Hungria.

Em Visegrad, assumiram o compromisso triangular de integrar plenamente Polônia, Hungria e Tchecoslováquia à ordem europeia. São indelévels as imagens de operários poloneses em greve nos estaleiros de Gdansk; do arame farpado, cortado na fronteira húngara; e das manifestações na Praça Wenceslas, de Praga. Não em último lugar, é recorrentemente mencionado o protagonismo da Igreja Católica na

¹⁵ Preobrazhenski, Eugen, *La Nueva Economía*, Caracas-Barcelona, Ed. Ariel 1970.

Polônia. Os cardeais Wichinski e Wojtyla – papa João Paulo II – contribuíram, em momentos diferentes, para que o domínio de Moscou fosse subvertido por lideranças operárias pró-EUA. Atribui-se a Gorbatchev o reconhecimento de que a transformação, da forma como ocorreu, não teria sido possível sem a presença do papa polonês.

Hoje, é recorrente a demanda de presença do Estado na área de educação, saúde, transporte, habitação como antes no antigo regime, e não menos recorrente o repúdio à matriz autoritária anterior. Vale dizer: o capitalismo e a consolidação democrática nesses países se expressam em dicção própria. Têm ainda significado a adoção de idiomas eslavos, o predomínio da religião cristã em suas versões ortodoxa, católica e da reforma.

A aposta regional era a de que a remoção do joio autoritário daria vez à construção de sociedade democrática, com padrão de desenvolvimento semelhante ao da Europa Ocidental. O que não parece ter ficado claro às novas lideranças é que o novo regime, ao abrir-se para o Mercado, com reconhecimento de direitos civis e políticos, atenuava compromissos estatais com habitação, educação, saúde e transporte. Observada a conjuntura atual, em perspectiva histórica, encontramos aí pistas para explicar o malestar atual, que se registra na região.

VII. ATLANTISMO + EUROPEÍSMO COM EUROCETICISMOS

Ganho material com segurança se coloca para a população como prioridade. Menos enfatizada, a relação com o modelo ocidental de democracia, de desenho liberal. Caberia então o destaque para a equação, “primo atlantismo, deinde europeísmo”: OTAN, enquanto guarda-chuva da segurança; União Européia, enquanto atrativo econômico, mais do que político;

Com efeito, a agenda internacional da região é sinuosa, indo pendularmente ao encontro de EUA, com maior frequência, num extremo; de Rússia, em alguns casos. À União Européia seria atribuído o pragmático entusiasmo inicial, *punto di mezzo*, em vias de comprometimento com a atual crise econômica mundial. Nessa complexa cartografia regional, há predominâncias, jamais exclusões; tendências majoritárias e minoritárias, uma colcha de retalhos, geopoliticamente costurados.

A União Européia, ao ampliar seu processo de integração, alterou a vida econômica da região, investindo, financiando, alterando positivamente salários e abrindo fronteiras para a migração intra-comunitária, o que tem atenuado problemas de desemprego interno, em que pese o aumento de tensões nas relações no atual cenário de contração econômica e de redução do nível de emprego, dificultando o livre trânsito. Os cerca de 50 bilhões de euros, até o momento investido, longe estão de perfilar a região em nível de igualdade com os demais países da Europa Ocidental. O Leste Europeu não vê reproduzido o que ocorreu com Espanha,

Portugal, Grécia nos anos 80, após aderirem à União¹⁶. Só a Espanha recebeu em 20 anos 93 bi de euros. No pragmático comprometimento com a União Européia, há brechas entre a velha união européia e a nova, acrescidas diante de medidas protecionistas dos países mais desenvolvidos. A França, com empréstimos de seis bilhões de euros aos fabricantes de automóveis, impõe a condição de as empresas francesas manterem o emprego no país. A advertência de Sarkozy é a de que a medida não visa a beneficiar a produção de filiais na República Tcheca, Eslováquia e Romênia, onde a Peugeot-Citroën e Renault têm plantas de montagem. Suécia toma medidas similares. O primeiro ministro britânico Gordon Brown fez apelo aos trabalhadores britânicos para ficarem com os trabalhos britânicos, paralelamente à recente greve contra trabalhadores estrangeiros. A Espanha lançou mão do lema “compre espanhol”, emitido pelo ministro da indústria. Ao contrário, Itália, com a Fiat operando na Polônia, e Alemanha, com produção na Eslováquia, República Tcheca, Hungria e Polônia não condicionaram seus incentivos. Em tal contexto, os governos do Leste não economizaram protestos, tendo a frente o premier Mirek Topolánek, que fez menção a xenofobia. O primeiro ministro húngaro, Ferenc Gyurcsány divisa a ameaça de instalação de nova Cortina de Ferro entre Leste e Oeste¹⁷.

Com a fuga do capital externo, a começar pelas grandes economias da região, como Polônia e República Tcheca, que ainda não adotaram a moeda única, sérios problemas de câmbio desnorteiam os planejadores de suas economias. Os países com maior necessidade de financiamento externo, como Ucrânia, Hungria, estados Bálticos levam a Europa do Leste a uma crise de grandes proporções, e com a sensação de seus governos de que pouco podem esperar da velha União Européia, e a percepção de que o FMI não demonstra ter recursos à altura para resgate dessas dimensões.

Não obstante, passo à frente para revigorar o compromisso regional com o europeísmo foi a aprovação pelo Senado da República Tcheca em maio de 2009 do Tratado de Lisboa, em que pese o fato de o presidente do país Vaclav Klaus ser crítico das reformas propostas pelo tratado. Seu temor, expresso antes de sancionar a decisão do Senado, é a de que o Tratado de Lisboa dê maior agilidade e poder executivo ao processo decisório da União Européia, concentrando poderes na burocracia de Bruxelas. O primeiro-ministro tcheco Mirek Topolánek, oportunamente, visando à sanção presidencial, reforçou a decisão do Parlamento.

VIII. PREDOMINÂNCIA DO ATLANTISMO

O alinhamento automático com os EUA vem junto com o eurocentrismo. A

¹⁶ Chade, Jamil, enviado especial OESP. 11/04/09:b8.

¹⁷ OESP 02/03/09: B3.

política estadunidense no Iraque encontrou apoio em governos do Leste Europeu, em contraste com governos da Europa Ocidental, majoritariamente reticentes ou contrários à política do governo Bush. Em torno da guerra do Irak, Jacques Chirac, presidente da França, teve o ímpeto de mandar calar os novos sócios da Europa centro-oriental. O polêmico projeto de escudos antimísseis e radares em território polonês e tcheco não suscitou avaliação positiva de países da velha União Européia, temerosos do abandono, pelo governo Bush, do tratado que impedia uso de sistemas antimísseis balísticos. Abrir-se-ia caminho para não desejado confronto com Rússia, fonte importante do consumo de gás no continente.

Os EUA querem chegar até onde a Rússia não admite. Em maio do presente ano, a OTAN programou exercícios na Geórgia, apesar das advertências de Moscou. O presidente georgiano Mikhail Saakashvili e o premiê russo Vladimir Putin têm ampliado divergências, que culminaram na guerra de agosto de 2008, vencida pela Rússia. As tensões entre Washington e Moscou, na ocasião, foram as mais agudas desde o fim guerra-fria. A intervenção russa, em apoio ao território separatista da Ossétia do Sul, foi tida pelos EUA como desproporcional, tornando o Cáucaso fonte de atenção para a diplomacia estadunidense. Do lado russo, a percepção da Geórgia é de província desgarrada. Geórgia, ao lado de Ucrânia e Uzbequistão, na lógica dos acordos que dissolveram a URSS em 91, levam o presidente Dimitri Medvedev¹⁸ a afirmar que a Rússia tem interesses privilegiados em certas regiões, incluindo o rígido controle sobre acordos militares com potências externas.

O chanceler Serguei Lavrov esclareceu que tal esfera de influência não foi afirmada à moda do século XIX, ou como mega-estado, como no século XX. Esta parceria privilegiada, para além da Ásia Central, serve de advertência diante da suspeita de que os Estados Unidos da América patrocinaram revoluções na Ucrânia e na Geórgia.

IX. NACIONALISMOS, SEPARATISMOS, INDEFINIÇÕES

Desconstrução do federalismo forçado em determinada conjuntura de guerra, caso da Iugoslávia de Tito; dupla inclinação pró Rússia e EUA de países politicamente divididos, caso de Geórgia e Ucrânia; saudosismo da velha guarda stalinista, espalhada por uma minoria sem fronteira.

São rápidas referências por revelar traços marcantes da crise atual, que tornam problemática a construção de cenários futuros plausíveis. Na Hungria, Viktor Orbán, ativista húngaro em 1989, abriga a idéia obsessiva de um Estado anticomunista. A Romênia, país da União Européia, oferece neste ano via rápida de cidadania a um milhão de moldávios. O presidente romeno Traian Basescu alega que seu país não pode permanecer indiferente com a cortina de ferro em sua

¹⁸ *Financial Times*, apud *Jornal Folha de São Paulo*, 12/04/09: A19.

fronteira leste. Parte do território do que hoje é a Moldávia era território da Romênia, de 1918 a 1940, anexado à URSS por Josef Stalin em 1940.

A reeleição pelo partido comunista do presidente moldávio Vladimir Voronin tende a exacerbar o conflito, tendo levado à expulsão do embaixador romeno, enquanto opositoristas pedem o estreitamento de relações ou até união com a Romênia, o que conta com não velada simpatia da União Européia e dos Estados Unidos. Voronin tenta estabilizar-se no poder com postura ambígua pró-Europa, no que não conta com o apoio do autoproclamado presidente Igor Smirnov da Transdniestra, província rebelde, de fala russa.

Croácia e Albânia tornaram-se oficialmente os mais novos membros da Otan neste ano. As adesões encerram processo de expansão que não tem previsão de continuidade com Ucrânia e Geórgia, o que baterá de frente com Moscou.

Há indefinição de bases de apoio entre países da União Européia e Estados Unidos da América e Rússia nos casos de Ucrânia e Kosovo. Na Ucrânia, persistem embates de lideranças pró-ocidente de Viktor Yushchenko e Viktor Yanukovich, pró-Rússia. Na causa de independência de Kosovo, misturam-se cartas de apoio, de omissão ou de oposição, estas, a partir da eventual repercussão nos reclamos, de menor intensidade, de bascos e catalães na Espanha; flamengos e valões na Bélgica, chechenos na Rússia.

Há encruzilhadas no reencontro em curso da região com a Europa Ocidental. A União Européia incorporou países da região com a exigência do trilema democracia pluralista, estabilidade política e economia de mercado. Mas, se há convergência econômica, com parâmetros fixados pela União Européia, na lógica geo-estratégica, o atlantismo ocupa lugar de destaque na agenda sub-regional. O comprometimento com a política estadunidense na invasão do Iraque dá veracidade à suspeita de infringir o direito internacional, com cessão de território para operações secretas de aprisionamento de agentes tidos como terroristas.

A projetada instalação pelo governo de George W. Bush de interceptores de mísseis em território polonês e radar na República Tcheca desestabilizou as relações EUA-Rússia no governo Bush, interpretada do lado russo como denúncia de acordos de desarmamento da década de 1990, quando a Rússia retirou armas para leste dos Urais, fora da Rússia européia. Pouco importa que 95% da população de três vilarejos da República Tcheca, próximos de onde os EUA planejam instalar parte de seu sistema de antimísseis, terem rejeitado em referendos a proposta¹⁹.

Se a psicologia coletiva fosse aventada, poder-se-ia dizer que o adesismo ao atlantismo vem do medo de ancestrais sujeições, ao mesmo tempo em que se calcula a margem de risco de se tornar alvo do desagrado russo. Sujeito a reavaliação no governo Obama, o cenário é de supremacia estadunidense, versus sensibilidade do Kremlin diante da crescente presença do rival, em região anteriormente sob seu

¹⁹ Jornal *Folha de São Paulo* 04/06/07.

controle. A Ucrânia, situada entre Rússia e o bloco europeu, no mapa e na política, é a principal aliada estadunidense no Cáucaso, com tropas no Iraque, oleoduto em construção para levar petróleo da bacia do Cáspio aos mercados ocidentais. Mas longe de ser farol da democracia, reitera a corrupção na região. O governo do presidente Mikhail Saakashvili é acusado de autoritarismo e centralismo, na busca de controle de Abkhazia e Ossétia do Sul, cujos movimentos separatistas, na versão governamental, seriam estimulados pela Rússia.

Atrás dos bastidores, a União Europeia, em duplo jogo, não prescinde da OTAN, tampouco prescinde do petróleo e do gás da estatal russa Gazprom, presente em 16 dos 27 países da União Europeia para venda de energia diretamente a consumidores de países como Alemanha, França, Itália. No rescaldo, a Rússia costura acordos bilaterais, como se fora a OTAN da energia, caso do acordo com Alemanha sobre oleoduto báltico, sem cruzar a Polónia e eventuais acordos com Eslováquia, Hungria, Bulgária, conotando ameaça de retaliação contra República Tcheca. A Polónia, por seu turno lidera esforços para construir laços com produtores de energia da Bacia do Cáspio.

X. INTEGRAÇÃO OU INCORPORAÇÃO

Diante da sobreposição contrastante de dois modelos de sociedade, o atual processo de integração se coloca diante da alternativa: a) mão única dos tentáculos do mercado, em contexto de relativa euforia consumista, com a ocidentalização hierarquizada do Leste, em troca de maior faixa de conforto; b) ponte de dupla mão, em cenário de institucionalidade federativa ou pelo menos confederativa. Neste caso, a nova cartografia geopolítica poderá então registrar fluxos de integração criativa, a benefício não apenas de direitos civis e políticos, mas de efetivação de direitos sócio-econômicos, que têm estado desacoplados nestes primeiros anos de retorno à Europa.

Cabe vislumbrar a integração com fluxos de múltiplas nascentes, e de arraigadas tradições, na complexa trama de europeísmo, regionalismo, atlantismo e de não desprezíveis traumas de antigas sujeições. O projeto de adensar a dimensão oriental da União Europeia, apresentado em maio 2008 ao Conselho da UE por Radoslaw Sikorski e Carlud Bidt, ministros de relações exteriores de Polónia e Suécia buscou se colocar ao lado do *Processo de Barcelona – a União pelo Mediterrâneo* – como contrapartida para fortificar o Leste Europeu no âmbito da *Política de Vizinhança* da UE. Em maio de 2009, a União Europeia lançou em Praga a “parceria oriental”, para se aproximar das seis antigas repúblicas soviéticas – Ucrânia, Moldávia, Azerbaijão, Armênia, Bielorrússia e Geórgia, completando o arco de incorporações e que tanta divergência suscita de parte do governo de Moscou.

XI. SOLIDARIEDADE POSTERGADA

Passados 20 anos da queda do muro de Berlim, em sentido geopolítico mais

amplo, para além da Alemanha de Otto Bismarck, restam escombros, não removidos na divisória do que eram dois mundos e que se avolumam na atual conjuntura. A Europa assimétrica desde muito, agora em crise, reservou o andar de baixo da União Européia para a Europa Centro-Oriental, como nos anos 90 assim procedera com os PIGS (Portugal, Itália, Grécia e Espanha).

As solidariedades proclamadas pelos pais fundadores da União em 9 de março de 1950, no atual momento, não parecem nortear as relações no continente europeu. Portugal, Itália, Grécia e Espanha, países do sul da Europa, sujeitaram-se, nos anos noventa, ao acróstico PIGS, de ressonância negativa. Com a crise, os países do Leste (PECO) parecem enfrentar igual avaliação, em meio a mobilizações, que somam grave crise política à crise econômica. Mas a Europa Centro-Oriental é quinhão da Europa, sempre foi, e continua (in) tensamente sendo, mesmo com a persistente veneração de seus heróis nacionais. É mais do que uma opção, quase um destino.

Diante de entulhos da queda do muro e do fim da guerra fria, duas conclusões parecem ir além das premissas.

Contrariando a tese do “choque de civilizações” de Huntington, o leque das diferenças culturais está à disposição do consumidor mundial. A mundialização coloca *the Rest in the West* e o *West in the Rest*. O Ocidente se defronta com seu outro cultural em seu próprio território²⁰.

Problemática também a tese de Fukuyama, formulada logo após à diluição da União Soviética, abrandada em textos posteriores. Os entulhos estão em ambos os lados do “muro”. O planeta terra é um só, *eppure se muove*. Afirmamos que o capitalismo tem história, como a fracassada experiência socialista russa teve a sua. Na construção de cenários futuros, sempre falta material para a conclusão, sujeita a múltiplas determinações, a maioria das quais ainda não dadas. Os construtores de cenários de futuro têm o hábito de devanear ideologicamente, mesmo quando munidos de sofisticadas estatísticas de projeção.

Portanto, não poderá o capitalismo ser afirmado como imune a desgastes de crises conjunturais e estruturais. A atual crise coloca novas questões, novos desafios à assimétrica economia capitalista do planeta, após tê-la incorporado dinamicamente em seus rincões mais distantes. As sociedades capitalistas se redefinem aqui e acolá até nos postulados de propriedade privada, com ou sem compromisso social. A dinâmica do livre mercado convive com ou sem protecionismos. O Estado representativo tem a configuração de Estado mínimo, Guarda-noturno ou se mostra dinâmico gestor diurno da vida econômica, social e cultural. Na transição do plano ao mercado na região, a experiência anterior está longe de poder ser ignorada. A dispensa de iniciativas estatais na área da educação, do transporte, da saúde, da habitação não se legitima automaticamente. O ganho de liberdades civis e políticas não desonera governos de respeito aos direitos sócio-econômicos conquistados no regime anterior. A

²⁰ Pierucci, Antônio Flávio. *Ciladas da diferença*, São Paulo, Ed. 34, 1999, p. 170.

instabilidade política e o euroceticismo na região têm aí sua mais convincente explicação. Num cenário efervescente e competitivo, a sensação é de que à experiência anterior de despotismo do estado, advém a ameaça atual de tirania do mercado.

Em discurso dirigido ao Parlamento Europeu em 08/03/1994, Vaclav Havel, então presidente da República Tcheca, almejou Carta de Identidade Européia, aprovada em 28 de outubro de 1995 em Congresso da União, realizado em Luebeck. A Europa foi definida como comunidade de destino, comunidade de valores, de humanitarismo, de fraternidade, de responsabilidade. Transgrediu-os, seguidamente, sob o manto de nacionalismo, imperialismo e totalitarismo. Com menos retórica, caberia falar com outro grande intelectual da Europa Central, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman da Europa como lugar de aventura, que deixou denso e pesado depósito de orgulho e vergonha, realização e culpa (...) sonhos e ambições, coagulando em estereótipos, para que estes se congelassem em essências, e para que estas se ossificassem em verdades tão duras quanto se presume que sejam todas as verdades²¹.

Questão em aberto, a durabilidade da sociedade capitalista no tempo. Pierre Renouvin²² nos convida para nos defrontarmos com as *forças profundas* que movem a história mundial, o que conduzirá seu discípulo Jean-Baptiste Duroselle²³ à conclusão de que todo “império perecerá”, com Roma ou sem Roma. Com Moscou, mas também com Washington. E Pequim certamente no século XXI não recuperará a condição de *Império do Meio*, pouco importando seu impressionante produto interno bruto.

²¹ Bauman, Zygmunt, *Europa*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p. 10.

²² Renouvin, Pierre, *Histoire des Relations Internationales*, Paris, Hachette, 1965.

²³ Duroselle, Jean-Baptiste, *Tout empire périra. Une vision théorique des relations internationales*, Paris, Publication de la Sorbonne, 1981.